

FILOSOFIA E LITERATURA: REFLEXÕES SOBRE O TOTALITARISMO

Joseane Edna Soares de Medeiros Lucena¹
Heloisa Silva de Medeiros²
Suyane Clarise dos Santos³
Rodolfo Rodrigues de Medeiros⁴

INTRODUÇÃO

Os regimes totalitários do século XX, por seu alcance ideológico, sua violência e seus crimes, deixaram marcas profundas na história e política contemporânea. Não é sem motivo que se pode afirmar que o fenômeno do controle ideológico que os movimentos totalitários exerceram em seus adeptos constitui um tema extremamente relevante nas reflexões e análises da filosofia política. E este é justamente o objetivo desta pesquisa compreender características, mecanismos e estratégias de manipulação das ideologias totalitárias.

A problemática central ora investigada é: quais mecanismos ajudaram a promover a manipulação da população no apoio aos regimes totalitários? Como hipótese, destaca-se que a estratégia de manipulação ideológica dos movimentos totalitários foi baseada no emprego de artifícios como: propagandas de exaltação do líder (defendendo uma obediência irrestrita a ele e ao partido); utilização dos códigos de linguagem (para esconder as intenções e a crueldade das ações ordenadas); mediação da ação (ou fragmentação da ação, que promove uma espécie de alienação ética), vigilância constante para identificar apoiadores e possíveis dissidentes.

Este estudo, que é derivado de um projeto de pesquisa intitulado “Filosofia e Literatura: reflexões sobre o totalitarismo”, em andamento no IFRN, Campus Parelhas, alicerça-se, principalmente, nas análises e reflexões desenvolvidas pela filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1975) e George Orwell, pseudônimo do escritor inglês Eric Arthur Blair (1903-1950).

¹ Discente do Curso Técnico em Mineração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte- IFRN, Campus Parelhas. E-mail: joseane.edna@escolar.ifrn.edu.br;

² Discente do Curso Técnico em Mineração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte- IFRN, Campus Parelhas. E-mail: medeirosheloisa@escolar.ifrn.edu.br;

³ Discente do Curso Técnico em Mineração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte- IFRN, Campus Parelhas. E-mail: Suyane@escolarr.ifrn.edu.br;

⁴ Professor Orientador: Mestre em Filosofia, docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, Campus Parelhas. E-mail: rodolfomedeiros@ifrn.edu.br.

METODOLOGIA

O presente trabalho promove uma aproximação com algumas das ideias e reflexões acerca do Totalitarismo. E essa tarefa será permeada através da revisão bibliográfica de obras oriundas da filosofia política e da literatura mundial, a saber: *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (ARENDDT, 1999) e *1984* (ORWELL, 2009).

A leitura empreendida será uma leitura sintópica, conforme concebida por Adler e Doren (2010). A leitura sintópica não consiste em ler e aceitar o que está escrito, mas sim promover uma espécie de “leitura dialógica”, no sentido de tentar promover um diálogo entre o leitor e os autores, incentivando o leitor a procurar ir além, refletir, discutir com e sobre o texto, formulando suas posições, argumentos e ideias e mesmo promover um diálogo entre os autores estudados, visando identificar termos, argumentações, conceitos, problemas e respostas de cada obra, suas passagens mais significativas, e compará-las, reconhecendo suas peculiaridades (ou divergências, caso haja) e semelhanças, e refletir a seu respeito.

REFERENCIAL TEÓRICO

Há inúmeras obras e autores que poderiam fornecer a base conceitual dessa pesquisa. Contudo, optou-se por centrar a pesquisa na discussão das obras *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, de Hannah Arendt (1999) e a distopia *1984*, de George Orwell (2009), pseudônimo usado por Eric Arthur Blair. A escolha dessas obras como guias conceituais baseia-se nas seguintes considerações: as obras de Arendt constituem bibliografia essencial para estudos sobre o totalitarismo, visto a capacidade descritiva de seus trabalhos na aproximação contemporânea dessa temática. Sabe-se que *Origens do Totalitarismo: antisemitismo, imperialismo e totalitarismo*, da referida autora, também é uma obra fundamental na abordagem desse tema. Contudo, devido a pretensão da pesquisa, optou-se por priorizar a leitura integral de apenas uma obra de Arendt. E *Eichmann em Jerusalém* foi a escolhida por ser aí que a autora discute diretamente alguns dos fatores, recursos e estratégias de manipulação que possibilitaram a alienação ética dos adeptos do Nacional-socialismo alemão, e essa alienação está justamente na raiz do fenômeno da banalidade do mal, conceito essencial da análise arendtiana para a compreensão e reflexão dos efeitos de manipulação e controle das ideologias totalitárias. Algumas passagens e capítulos de *Origens do Totalitarismo* também foram analisados, mas não a obra integralmente; por sua vez, mesmo configurando-se como uma obra de ficção, *1984* de George Orwell representa um clássico da literatura mundial que fornece uma profunda e rica análise crítica e reflexiva acerca das experiências totalitárias,

das características, influência e efeitos dos instrumentos de manipulação ideológica desses movimentos.

Além do teor crítico e conceitual, essas obras principais citadas apresentam escritas atrativas, com linguagem acessível, linhas argumentativas diretas, tornando a leitura e discussão um processo leve, fluido, dinâmico e atraente. Esses fatores (qualidade crítica, conceitual e escrita acessível e direta) ajudaram a determinar as escolhas das obras.

As ideias apresentadas por Arendt (1999) ajudam a conhecer um pouco mais as estratégias de organização implementadas pelo Regime Nazista que possibilitaram a promoção do Holocausto, e através do conhecimento desse sistema ela busca compreender como o regime totalitário conseguiu transformar cidadãos comuns em agentes colaboradores de um extermínio em massa. Alguns dos elementos que tornaram isso possível foram a burocracia e a obediência ao líder. O resultado do funcionamento desse sistema é uma espécie de alteração da “bússola” moral do humano-massa, o que originou o fenômeno ao qual Hannah Arendt nomeou de “banalidade do mal”.

Um fator importante para esse empreendimento desumano foi uma das heranças do imperialismo, a burocracia. Essa era organizada em uma rígida hierarquia que dividia um grande processo em uma vasta rede causal de pequenas ações, realizadas por indivíduos (ou grupos) distintos. Acerca da finalidade e papel desse mecanismo na organização totalitária, a autora ressalta: “Claro que é importante para as ciências políticas e sociais que a essência do governo totalitário, e talvez a natureza de toda burocracia, seja transformar homens em funcionários e meras engrenagens, assim os desumanizando” (ARENDR, 1999, p. 322).

O sistema burocrático nazista foi desenvolvido sob uma estrutura fundamentada em uma cadeia de ações fragmentadas que pretendia impedir que os agentes envolvidos em cada etapa da ação se reconhecessem como culpados pelo seu resultado. Nenhum dos agentes intermediários dessa ação se sentia culpado, pois cada um era responsável por executar apenas uma parte de tudo que acontecia, e não avistava o resultado último de seu trabalho. Portanto, entre o burocrata que ordenava a morte dos judeus até aquele agente que aciona o mecanismo que libera o gás letal de uma câmara (com judeus enclausurados) havia um número indefinido de pequenas ações (que separadas pareciam “inofensivas”, mas juntas concorriam para o genocídio) realizadas por pessoas ou equipes diferentes. Nessa estrutura organizacional, um burocrata que cotidianamente carimba e repassa memorandos não vai sentir-se responsável pela morte do indivíduo ao fim desse processo. A burocracia totalitária foi planejada cuidadosamente para garantir que cada grupo (ou indivíduo) mantivesse o foco na sua ação, na sua etapa, recebesse informações suficientes para desempenhar apenas a sua parte do processo.



Mesmo os que sabem o que de fato será feito, acabam convencendo-se de que não possuem culpa por tamanhos crimes, devido a outra peculiaridade dos regimes totalitários: a “[...] insistência da autoridade superior de que ela e somente ela é responsável pelos atos dos subordinados” (BAUMAN, 1998, p. 29). Em vista disso, vê-se que nos regimes totalitários

O Líder representa o movimento de um modo totalmente diferente de todos os líderes de partidos comuns, já que proclama a sua responsabilidade pessoal por todos os atos, proezas e crimes cometidos por qualquer membro ou funcionário em sua qualidade oficial. Essa responsabilidade total é o aspecto organizacional mais importante do chamado princípio de liderança, segundo o qual cada funcionário não é apenas designado pelo Líder, mas é a sua própria encarnação viva, e toda ordem emana supostamente dessa única fonte onipresente (ARENDDT, 2012, p. 511).

O Líder é concebido como o grande responsável pelas ações dos funcionários do partido ou governo totalitário, assumindo um caráter de superioridade e infalibilidade. E essas características do líder totalitário são também destacadas na obra de Orwell. Ao apontar a estrutura e hierarquia social da sociedade descrita, o “superestado da Oceania”, ele escreve:

No topo da pirâmide está o Grande Irmão. O Grande Irmão é infalível e todopoderoso. Todos os sucessos, todas as realizações, todas as vitórias, todas as experiências científicas, todo o conhecimento, toda a sabedoria, toda a felicidade, toda a virtude seriam um produto direto de sua liderança e inspiração (ORWELL, 2009, p. 285-286).

Como se percebe, sob a obra de ficção que apresenta uma população controlada por um rígido sistema político e ideológico, George Orwell estabelece uma ponte entre o fictício e o real, apresentando atrocidades e alienações que poderiam decorrer (como já ficou evidente nas experiências totalitárias reais) dos sistemas e aparatos de manipulação e controle social ainda presentes nas sociedades contemporâneas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mas diante de todo aparato de manipulação Nacional-socialista, era possível que o sujeito resistisse, preservasse sua autonomia e não fosse engolido pela onda ideológica totalitária? A resposta a essa questão pode ser dada a partir de uma constatação histórica: nem todos os alemães sucumbiram ao movimento. Alguns deixaram o país, mudaram-se para cidades menores e regiões mais isoladas para se afastar do delírio totalitário, outros arriscaram suas vidas para tentar salvar os grupos perseguidos, escondendo-os e ajudando-os a fugir. Eles não devotaram fidelidade ao regime, e sim à humanidade dentro de si, mantiveram suas

faculdades espirituais, resistiram porque continuaram pensando e julgando autonomamente “como uma forma de barrar o mal, de abster-se de praticá-lo” (AGUIAR, 2009, p. 147).

O controle dos meios de informação; a vigilância constante para identificar os dissidentes (papel da “teletela” na obra de Orwell e da “Gestapo” no Regime Nazista); a propaganda, de conteúdo incontestável, responsável por promover e transmitir o enaltecimento constante do Partido e do Líder; a imposição, por meio da ameaça e do terror, da inquestionabilidade à ideologia oficial... Todos esses elementos são exemplos de fatores que evidenciam características reais dos movimentos e da ideologia totalitários e se fazem presentes nos escritos de Arendt (1999; 2012) e Orwell (2009).

Infelizmente, não se pode dizer que esses artifícios ideológicos não tenham existência real na sociedade atual. Ainda hoje é possível notar a polarização política, a intolerância, a tentativa de ataque aos direitos das minorias, a exaltação quase “mítica” de líderes, ideologias e partidos políticos que se pretendem infalíveis e superiores como traços ainda presentes na política contemporânea. E mesmo baseando-se em pressupostos e métodos distintos, a análise das teorias dos autores citados concede uma grande contribuição e um imenso alerta: a convicção de que é preciso refletir sobre as ideologias totalitárias, compreendê-las, entendê-las, tentando identificar estratégias e recursos ideológicos por elas utilizadas afim de evitá-las, e assim impedir que as sociedades sejam envolvidas nas mesmas teias ideológicas que já fertilizaram o solo que propiciou o afloramento desses regimes, buscando evitar que elas renasçam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações empreendidas durante a pesquisa, mostraram-se capazes de promover uma aproximação com algumas das ideias e reflexões acerca do Totalitarismo. As leituras e as discussões realizadas proporcionam com que reconhecimentos de alguns traços e recursos ideológicos de movimentos totalitários.

Além da análise das obras (ARENDR, 1999; ORWELL, 2009), a pesquisa proporcionou o contato com outras produções capazes de suscitar discussões e reflexões sobre a temática explorada, como filmes, documentários e até séries. Algumas das produções audiovisuais indicadas foram: o documentário *A Arquitetura da Destruição* (Direção e Produção: Peter Cohen. Suécia: SVT, 1989), o filme *O Grande Ditador* (dirigido e estrelado por Charles Chaplin, em 1940), o filme *O Experimento de Milgram* (lançado em 2015, dirigido por Michael Almereyda), a série documental *Why We Hate? – Por que odiamos?* (produzida por Alex Gibney, Steven Spielberg *et al.* E dirigida por Geeta Gandbhir e Sam Pollard. Exibida pela



Discovery Channel, 2019). Pela brevidade deste escrito, não será possível descrever as demais produções indicadas nem as contribuições que elas fornecem às discussões acerca das características, traços e artifícios ideológicos totalitários. Esses recursos são aqui citados apenas para oferecer exemplos de produções audiovisuais que podem auxiliar na abordagem da temática.

Por fim, afirma-se que pesquisas, discussões, debates e reflexões a respeito dos mecanismos de manipulação ideológicos dos movimentos totalitários são ainda fundamentais no ambiente escolar, uma vez que oferecer ferramentas conceituais e crítico-reflexivas que possibilitariam identificar a ocorrência desses elementos ideológicos em seu próprio contexto político e social é de suma importância para evitar o ressurgimento das ideologias e regimes totalitários. Neste sentido, a pesquisa indica que a análise das obras de Arendt e Orwell pode fornecer referenciais que auxiliem nessa tarefa.

Palavras-chave: Filosofia, Hannah Arendt, Literatura, George Orwell, Ideologia totalitária.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, Campus Parelhas. Assim como também a todos integrantes que compõem o projeto.

REFERÊNCIAS

ADLER, Mortimer J.; DOREN, Charles V. **Como Ler Livros:** o guia clássico para a leitura inteligente. Tradução: Edward Horst Wolff e Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2010.

AGUIAR, Odílio Alves. **Filosofia, Política e Ética em Hannah Arendt.** Ijuí-RS: UNIJUÍ, 2009.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém:** um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo:** antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto.** Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ORWELL, George. **1984.** Tradução de Heloisa Jahn e Alexandre Hubner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.